

A IDIOSINCRASIA DEMOGRÁFICA NACIONAL E A MISSÃO DO MAGISTRADO

O nosso Dunga, ao abandonar o ofício de treinador futebolístico, para que é talhado, deitou filosofia metafórica, para descrever as condições adversas em que opera a sua prática desportiva: “Eu até acho que sou afrodescendente, de tanto que apanhei e gosto de apanhar”.

As críticas vieram de todos os lados. Ofendidos afrodescendentes e hipócritas que, adeptos sigilosos da inteligência, se escondem pela capa do cuidado em não escorregar no ato falho, em revelação do óbvio: este é o pensamento de quase toda gente.

Permitam-me voltar ao texto de Dívida Com a Mentecapta, em que, a propósito de analisar o episódio ocorrido no Rio Grande Sul, com a torcedora gremista a xingar um atleta da agremiação adversária de “macaco”, tivemos oportunidade de desvendar, como já se vem a fazer com certa frequência, os mistérios da formação da sociedade brasileira, na falta de maior assiduidade na leitura de Casa Grande e Senzala ou Raízes do Brasil.

Que não se apoquente o *futefilósofo* bissexto, visto que, simplesmente, caiu na esparrela que nos prega o destino, ao nos soltar o verbo pelos canais reflexivos da inadvertência: os portadores da sintomatologia cancerígena **“já desenvolveram sistemática adaptadora do mal-estar que se sente, quando, inadvertidamente, deixam escapar modulação de tom, para frases** (deviam ser expressões) **“nega-do-cabelo-duro” e “samba do crioulo doido”, quando em presença de afrodescendentes.** Neste particular, o *trainer* não produziu raridade alguma. É um igual a quase toda gente.

A tentativa de conserto, como costuma acontecer, foi pior. Disse ele, a título de excusas: “Quero me desculpar com todos que possam se sentir ofendidos com a minha declaração sobre afrodescendentes (ótimo até aí, mas prosseguiu). A maneira como me expressei não reflete os meus sentimentos e opiniões”. Talvez fosse o caso de pesquisar: **“Quem sabe “símios”, como Lupicínio Rodrigues e Gilberto Gil; “macacos”, da espécie de Luther, Mandela e Obama não deveriam ser reexaminados”,** para dizerem, do alto de sua categoria se, embora de acordo com a irreversibilidade histórica acerca do fato de que seus antepassados certamente terão apanhado muito, gostaram de apanhar?

Este sadismo é novidade. Ao que me consta, Joe Louis, Cassius Clay (desculpe, Muhammed Ali) e Maguila gostavam mesmo era de bater.

De toda sorte, não utilizemos de radicalismos neste episódio. O fato é cotidiano. Integrante de um cenário muito mais amplo e complexo. Fora do alcance dos afastados da possibilidade de leituras como as acima sugeridas. Paul Krugman, Nobel e Colunista do New York Times, em artigo traduzido para O GLOBO de 23.6.15, Opinião, pág. 14, A Vasta Sombra Da Escravidão, aborda parte do problema, como a falsidade com que muitos tentam se enganar, nos Estados Unidos da América do Norte, em que “ouve-se um coro declarando que raça não é mais problema nos EUA”. Ele mesmo desfaz a cortina de fumaça: “Isso é uma fantasia. Ainda somos assombrados pelo pecado original de nossa nação.” Diz ele: “O racismo institucional bruto que prevalecia antes que o movimento pelos direitos civis acabasse com as leis de segregação (Jim Crow) desapareceu, embora formas sutis de discriminação persistam...E apesar disso, o ódio racial ainda é uma força potente em nossa sociedade...E, lamento afirmar isso, mas a divisão racial ainda é um elemento definidor de nossa economia política, razão pela qual os EUA são um país distinto das nações desenvolvidas pela forma dura como trata os menos afortunados e sua disposição a tolerar o sofrimento desnecessário entre seus cidadãos”.

Não somos muito diferentes. A igualdade aqui, entre nós, fica no alambrado, olhando os Amarildos da repressão policial exagerada, exatamente, como ocorre lá, no país de Mr. Krugman, em que jovens negros são executados sem processo ou julgamento. A cena de um policial estúpido a imobilizar uma menina negra, algemando-a, subjugada em decúbito ventral nos jardins de um bairro aparentemente branco, esclarece ao vivo e em cores o que o articulista traduzido quis dizer. A estupidez campeia a vida social americana de modo a dividir pretos e brancos, forçando-os a optar entre ser branco republicano ou preto democrata. Esta dicotomia, com reflexos políticos, andou a ensaiar-se, por aqui, quando a *elite branca* (disse um qualificado (?) agente federal) censurou o Nordeste por ter votado na candidata que acabou por permanecer no cargo. Mas, amarga essa vitória, como ocorre com Senhor Obama, impotentes diante de um Congresso de tendências adversas. Aqui, nestas paragens tupiniquins, a dificuldade na sabatina de um indicado a ministro do STF e rejeição de uma representação diplomática, lá, ao receberem um chefe de governo estrangeiro, para deitar falação contra medidas governamentais (tentativa de compor acervo litigioso com o Irã, sobre energia nuclear) já tomadas (Que maldita traição!).

Pois, muito bem. Voltemos ao Dunga, cujo mal-estar tirou-lhe o sono durante uma noite. Não mais. Ele, como a espécie humana, está no centro de um furacão de enormes e indefinidas proporções. A lei, no seu senso geral, não é suficiente para solucionar o insolúvel, embora o consenso comum assim considere. Aqui, diante deste repetido dado sobre a configuração constitutiva da sociedade brasileira, a toda hora, recorrente, agigantam-se os deveres dos juízes nacionais, chamados a dirimir controvérsias como a da exigência de uniforme para empregadas domésticas em clube da Zona Sul carioca, por exemplo.

Tudo a envolver princípios de ordem constitucional, especialmente o carro chefe dos direitos fundamentais, art. 5º da Lei Fundamental: Todos são iguais perante a lei. A partir daí, o magistrado está consciente de que seu compromisso na prestação jurisdicional está acima das normas condutoras da ambiência que legislador pensa regular e nem sempre consegue. O texto legislativo é um ponto de partida a desafiar o sociólogo que compulsoriamente – como qualquer juiz – tem de examinar dados da nossa idiosincrasia demográfica para, ainda a título de lembrete exemplificativo, num caso de alimento devido por desempregado afrodescendente, avaliar a dificuldade de colocação do pai ou marido acostumado a apanhar, embora, Senhor Dunga, sem jamais ter gostado do açoite.

Tudo que se quis com o artigo Dívida Com a Mentecapta, agora demonstrado pela realidade, foi estimular o debate, como é matéria do CEDES, que se manifesta tão imediatamente quanto possível, e, diante de episódios como o do treinador, comum do povo, propor a apreciação pelos senhores julgadores, cientes desses fatos, tismados com irrecusável conotação sociológica, convidados a usarem dos instrumentos científicos dessa vertente do conhecimento, para a realização de seu mister.